

O Donjuanismo do Novo Milênio

Thiago Almeida¹

Resumo

Na literatura, um dos grandes expoentes da manipulação amorosa foi Don Juan. Na vida real, os psicólogos e psicoterapeutas tomam conhecimento de uma nova dinâmica afetiva denominada Síndrome do donjuanismo. O donjuanismo representa um protótipo particular de comportamento humano. Os “Don Juans” da atualidade em muito se assemelham ao da ficção: são pessoas que precisam seduzir todo o tempo. E “Don Juans” contemporâneos prejudicam tanto homens quanto mulheres. Este artigo, que se trata de uma revisão bibliográfica a respeito da chamada Síndrome do Donjuanismo, trata a respeito da caracterização e de possíveis encaminhamentos para portadores e para pessoas que entabulam relacionamentos com seus afetados.

Palavras-chave: relações homem-mulher; amor.

“Donjuanism” in the Third Millennium

Abstract

In literature, one of the great exponents of loving manipulation was Don Juan. In real life, psychologists and psychotherapists acknowledge a new affective dynamics called “Donjuanism Syndrome”. The “Donjuanism” represents a particular archetype of human behavior. The “Don Juans” of present time are very similar to the one in fiction: they are people who need to seduce all the time. And “Don juans” currently harms both men and women. This article, deals with a bibliographical revision regarding the so call “Donjuanism Syndrome” and the characterization and possible copings for carriers and people having contact with them.

Keywords: men-women relationships; love.

¹ Psicólogo. Mestre pelo Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e doutorando do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

“Se amar fosse o bastante, as coisas seriam simples demais. Quanto mais amamos, mais o absurdo se consolida. Não é de por falta de amor que Don Juan vai de mulher em mulher. É ridículo representá-lo como um iluminado em busca do amor total. (Camus, 197?, p. 71)

É inegável pensarmos que as concepções contemporâneas referentes ao amor são de extrema importância para a organização das várias culturas e sociedades porque implicitamente definem o que é apropriado e desejável para o relacionamento interpessoal. Torres (2001) nos aponta que o amor é considerado como detentor de poder atrativo como veículo para a intimidade, pelo que é criador de novos laços, que adquirem contornos específicos em diferentes contextos sociais. Contudo, somente há muito pouco tempo, após séculos de resistência, os cientistas procuram desvendar como e por que as pessoas se aproximam umas das outras amorosamente. Tentam descobrir os fatores que desencadeiam a paixão, aquilo que faz um relacionamento começar, acabar e até conservá-lo com o viço dos primeiros encontros. Uma das conclusões: não existe uma forma de flertar generalizada. Preferências e seduções à parte, flertar é um jogo em que ambos os jogadores estão munidos aparentemente com as mesmas armas, e o que difere é como e quando cada um vai utilizá-las. Logo, seduzir é uma arte e disso ninguém duvida. De forma alguma ela é um segredo. Todos nós queremos viver um grande amor e com uma paixão ainda melhor, nem que seja uma única vez. Mas, o que seria seduzir?

Seduzir é atrair algo/algum para determinada coisa, determinado objetivo, dentro de uma determinada concepção que seria uma “verdade”. É nesse jogo relacional onde você emite sinais de que se interessa pelo outro e se torna alvo de sua atenção. E a partir disso, todas as outras atitudes e comportamentos reforçarão ou não o seu sinal de interesse. Se for correspondido pode avançar alguns passos e vice-versa tudo depende de seu objetivo, preparo emocional e de sua capacidade para tolerar a frustração. Nem sempre a sedução tem propósitos maléficos, mas sim de desejo, coisa inexplicável e freqüentemente incontrolável. O jogo da sedução pode ser um exercício prazeroso para ambas as partes, desde que seja sadicamente conduzido. Ao discutirmos a respeito da sedução, é inevitável chegarmos à sedução como uma forma de manipulação.

Um dos grandes expoentes da manipulação amorosa foi Don Juan, personagem literário tido como símbolo da libertinagem. O primeiro romance com referência ao personagem foi a obra *El Burlador de Sevilla*, de 1630, do dramaturgo espanhol Tirso de Molina. Posteriormente, Don Juan aparece em José Zorrilla com a estória de Don Juan Tenório. A figura de Don Juan foi

também cultuada na música, em obras como as de Strauss e Mozart, este último com a ópera *Don Giovanni*, composta em 1787. Outro paradigma do eterno sedutor é a figura de Casanova, conhecida pela autobiografia do veneziano Giovanni Jacopo Casanova. Entretanto, a figura do eterno sedutor continua atrelada a Don Juan, que aparece ainda na obra de Molière, em *Le Festin de Pierre*, no poema satírico de Byron chamado simplesmente *Don Juan*, no drama de Bernard Shaw, chamado *Man and Superman*.

Dessa maneira, é possível pensar sobre as diferentes e, também, relacionadas marcas que Don Juan recebeu e continua recebendo ao longo da história, pois sendo um mito que desperta grande interesse na literatura mundial, está cercado de análises e estudos, e como afirmam Chiampi e Moriana (citado por Staudt, 2007) “Don Juan é, certamente, o eterno condenado à significação e por isso mesmo transformou-se num mito.” (p. 220). Então, derivado da personagem literária Don Juan que ficou mais popularizado, sobretudo, após sua aparição no cinema, pelo filme escrito e dirigido por Jeremy Leven, *Don Juan de Marco*, com Marlon Brando e Johnny Depp, os psicólogos e psicoterapeutas tomam conhecimento de uma nova dinâmica afetiva denominada Síndrome do donjuanismo.

Caracterização da Síndrome do donjuanismo e do sedutor contemporâneo

O donjuanismo representa um protótipo particular de comportamento humano, classificação esta assentada particularmente em valores culturais e morais. Não existe qualquer referência a esta dinâmica psicológica em manuais como o CID.10 ou DSM. IV^{TR}, mas isso não significa, absolutamente, que pessoas assim deixem de existir. Os “Don Juans” da atualidade em muito se assemelham ao da ficção: são pessoas que precisam seduzir todo o tempo. Então, dá-se o nome de donjuanismo a pessoas que necessitam seduzir constantemente, que aparentemente se enamoram da pessoa resistente, mas, uma vez conquistada, abandonam-nas (Almeida & Madeira, 2008). As pessoas com esse traço não conseguem ficar apegadas a uma determinada pessoa, partindo logo em busca de novas conquistas. As pessoas com essas características são consideradas pelos autores Sapetti e Rosenszvaig (1987) como “anarquistas do amor”, tornando válidos quaisquer meios para conquistar, entretanto, os sentimentos da outra pessoa não são levados em conta. Aliás, Foucault (1993) enfatiza essa questão ao dizer que Don Juan arrebenta com as duas grandes regras da civilização ocidental, a lei da aliança e a lei do desejo fiel.

Fonte de inspiração para muitos autores na literatura, a figura de Don Juan ganhou muitos seguidores e colecionou vítimas pelo mundo afora na

realidade cotidiana. O aspecto de desafio mobiliza os “Don Juans”, e faz com que a conquista amorosa tenha ares de desporto e competição, muitas vezes, convidando amigos para apostas sobre a sua competência em conquistar presas. Não raro, que esses conquistadores tragam listas e relações das pessoas conquistadas, como verdadeiros troféus de caça. Certa vez, Molière (2002) ao descrever o comportamento dos que se comportavam libertinamente tal como Don Juan afirmou que nada lhes era mais doce do que o triunfo sobre a resistência de uma bela pessoa. Se as palavras são o fraco das mulheres, o Don Juan é um mestre na linguagem sedutora. Se os homens são facilmente vitimizados por imagens insinuantes, as “Don Juans” sabem como se posicionar de forma a obter os melhores resultados para prender a atenção dos mesmos. E assim os(as) conquistadores(as) vivem eternamente de vitória em vitória e nunca se convencem de colocar um freio em seus desejos.

O narcisismo dessas pessoas é uma das características mais marcantes, ao ponto de amarem muito mais a si mesmas que a qualquer outra pessoa conquistada. E por que são narcisistas? Porque ao buscarem o amor no outro, na verdade estão buscando a algo que definitivamente lhes favoreça e não a suas parcerias. A procura pelo ser ideal inexistente, portanto, será eterna. De relacionamento em relacionamento seguirão as pessoas com estes traços, pois fantasias, a exemplo do mítico Narciso, encontrarem no outro alguém como si próprio e qual a esta personagem mitológica seguirão para sua autodestruição. E por não existir este ser idealizado resta apresentar Thanatos a Eros, um encontro inevitável, pois não há nada que intervenha no destino pré-determinado pelos(as) próprios(as) Don Juans às suas vítimas.

Século XXI, ano de 2008. Frases como: “Sabe aquele cara encantador, que parece ser bom demais para ser verdade, e que faz a gente acreditar que estamos em um conto de fadas? E de repente, este conto de fadas desaparece e aquela pessoa encantadora, perde o interesse e some?”, “o que fiz eu de errado? Se ela chegou de repente em minha vida e parecia tão apaixonada, disse que iria fazer e acontecer a partir daquele dia. Tudo era tão perfeito, onde eu errei para simplesmente num passe de mágica tudo acabar sem qualquer explicação aparente?” tornam-se mais comuns no dia-a-dia das pessoas. Levando-se esta informação em consideração, as vítimas de um sedutor compulsivo somam-se e se encaminham cada vez mais nos consultórios procurando ajuda para se entender e obter encaminhamentos que lhes permitam como proceder com seus(suas) caprichosos(as) amados(as).

Em se tratando de diferenças entre os gêneros, podemos dizer que embora não possamos generalizar o que vai ser dito, em média, os homens

são muito menos emotivos, e conseqüentemente demoram mais a se apegarem afetivamente a alguém, tendo isso esclarecido, basta dizer que, além de não haver essa rápida e intensa ligação emocional, em contraste com o que geralmente ocorre com o sexo feminino, ainda há uma grande variedade de opções de mulheres solitárias à procura de um relacionamento, entram aí uma parcela de homens que aproveitam dessa oportunidade para colecionar “vítimas”. Nesse sentido, podemos dizer que a sedução masculina que tende a uma promiscuidade, em contraste com o recato feminino, é uma agressão à integridade emocional feminina.

E o donjuanismo transcende o conceito de gênero e vitimiza tanto homens quanto mulheres. As pessoas com esse traço não conseguem ficar apegados a uma pessoa determinada, partindo de imediato em busca de novas conquistas. Podem ser considerados maquiavélicos no que diz respeito ao amor, fazendo com que seus fins justifiquem seus meios e tornando válidos quaisquer meios para conquistar; entretanto, os sentimentos da outra pessoa não são levados em conta. Normalmente essas pessoas ignoram a decência e a virtude moral, no entanto, o seu papel social tenta mostrar o contrário; são eminentemente sedutores e podem ser excelentes pais de família, namorados apegados, e demais pessoas aparentemente virtuosas.

Mas, por que será que o donjuanismo aspira iludir afetivamente o outro e depois partir? Nos casos mais sérios, a inclinação à sedução pode adquirir caráter de verdadeira compulsão, tal como acontece no jogo patológico. De certa forma, a conquista compulsiva do(a) Don Juan serve-lhe para melhorar a sua sensação de segurança e auto-estima. Nas palavras de Aragão (2004): “Conquistar para o *Don Juan* é uma forma de afirmar sua auto-estima, de sentir-se amado e passar segurança ao Narciso que vive dentro dele” (p. 38); entretanto, uma vez possuído o que desejava, desinveste do seu objeto. Em alguns casos, o(a) Don Juan começa a se desentusiasmar com a conquista, quando percebe que a pessoa conquistada está apaixonada por ele(a), e então, pode nem haver necessidade do ato sexual, a partir do momento em que ele percebe que a pessoa o aceita e o deseja. Entretanto, se a presa é indiferente ou não cede à sua sedução, o(a) Don Juan torna-se mais obstinado(a) ainda.

Não é totalmente correto dizer, como dizem alguns, que o(a) Don Juan se diverte com o sofrimento alheio. Na realidade parece mais que seja insensível ao sentimento alheio do que tenha prazer com ele. Há quem considere como uma das características fundamentais da personalidade donjuanesca uma acentuada imaturidade afetiva. O aspecto volúvel e responsável pela constante troca de relacionamento pode ser indício dessa imaturidade afetiva e indica, principalmente, uma completa carência de responsabilidade ou medo

de assumir os compromissos normais das pessoas maduras (casamento, família, filhos, etc.).

Para algumas pessoas, portanto, ficará mais fácil reconhecer o perfil do sedutor compulsivo antes que se tornem a próxima vítima deles, pois caso contrário, lhes acontecerá o que o autor Oscar Wilde preconizou antecipadamente em outro contexto e estes amantes acabarão destruindo os seres amados. Textualmente afirma: “todos os homens matam a coisa amada; com galanteio alguns o fazem, enquanto outros com face amargurada; Os covardes o fazem com um beijo, Os bravos, com a espada!” (Wilde, citado por Barbosa, 2001, p. 31). Aqui estão alguns traços: É uma pessoa normalmente insegura, ainda que não passe essa impressão. Em geral, é uma pessoa com problemas de auto-estima e não consegue ficar sozinho necessitando constantemente entabular jogos emocionais. Geralmente, não recebeu amor dos pais, segundo o que muitas vezes descreve em sua própria fala, e sem dúvida, tem muitos conflitos emocionais nunca tratados. Esse tipo de pessoa tem muito medo de se entregar e ser rejeitada, sofre com a falta de autoconfiança na área emocional (mesmo quando bem-sucedido profissional e financeiramente) e tem uma enorme carência do outro. É como se procurasse em cada mulher e em cada homem a cura para seu vazio existencial e acreditasse que é função da parceria que desenvolve completá-lo em todos os sentidos, o que é missão impossível, digamos para qualquer um. Então, de acordo como se comportam acabam por si mesmos negligenciando suas próprias necessidades emocionais.

De acordo com Aragão (2004):

O vazio pode ser fruto de amores que se foram e levaram consigo um pedaço do ser que ama. Entretanto, o ser amado que partiu deixou algo de si, seja positivo ou negativo. Os sentimentos não são submissos à razão. Lembrar ou esquecer? Não será a razão quem decidirá. Ela não tem este poder. O corpo suplica pelo amado, pelo príncipe encantado (p. 31).

Será então Don Juan vítima de si mesmo ou produto das contingências que fizeram dele(a) o que é hoje? Em outras palavras, esta aparente auto-suficiência encerra em si mesma um ser solitário que não se encontrou e deseja a todo o custo se livrar dessa situação a qual diariamente se condena a custo de muito sofrimento psicológico para si mesmo e para suas vítimas? Talvez os(as) Don Juans não encontrem o amor que tanto buscam porque não estão prontos para conceber este amor.

É provável também uma base biológica que ajude a esclarecer a dinâmica do funcionamento para os sedutores crônicos, na qual o comportamento compulsivo dos portadores da Síndrome do donjuanismo teriam algum um desequilíbrio cerebral relacionado à carência de uma substância chamada feniletilamina, que provoca as sensações de exaltação, alegria e euforia que se experimenta ao estar apaixonado. Necessitando de estimulações contínuas que desencadeiem provisões dessa substância para se sentirem em um estado satisfatório.

Outra hipótese para explicar o comportamento donjuanesco atribui ao sedutor crônico a busca desesperada da presença materna, com vistas a recuperar neuroticamente uma mãe em cada mulher. Mas, isso não explica os sucessivos abandonos que o sedutor crônico traz para a vida de suas amadas que espelham longinquamente suas mães. Alguns autores contrargumentarão e dirão que se o sedutor compulsivo concretizasse suas fantasias edípicas com cada mulher que lhes trouxesse à mente a figura materna, ele se sentiria culpado por não conseguir resolver o conflito criado por ele mesmo. Em suma, nunca poderiam amar completamente o que desejam assombrados pelo fantasma do incesto (Freud, 1948; Sapetti, 2008). Logicamente, todas as hipóteses arroladas não se excluíam para tentar desvendar a dinâmica do sedutor crônico.

A evolução do relacionamento amoroso com um(a) Don Juan

E, é muito difícil alguém que não tenha sido vítima de um(a) sedutor(a) compulsivo(a). O sedutor contemporâneo compulsivo nada tem a ver com o antigo “machão” que alardeia, ridiculamente, a sua masculinidade, ou ainda, a incorrigível arrebatadora de corações. Pessoas com esse perfil, na maioria das vezes não agem por maldade, mas sofrem de um quadro impulsivo que pode acarretar conseqüências desastrosas para as vidas das pessoas que entabulam relacionamentos. Eles e elas são conquistadores impulsivos e são pessoas capazes de investir meses em uma determinada pessoa (para não dizer alvo): investem em restaurantes, baladas, *e-mails* nos quais sobrecarregados de ternura e telefonemas que duram de minutos a horas, presentes e até viagens a lugares paradisíacos, apenas para impressionar a pessoa em questão. Com tais atitudes quem não acreditaria estar neste homem ou mesmo nesta mulher sedutora, romântica, sensível, a verdadeira personificação do príncipe ou da princesa encantados, segundo o estudo de Almeida (2007)? São por estas e outras características que muitas pessoas costumam admirar e gostar tanto de pessoas com este perfil, pois na grande maioria são pessoas interessantes, bonitas, charmosas e muito sedutoras.

Contudo, suas vítimas, geralmente vão pagar um alto preço por suas escolhas.

Logo, o sucesso do Don Juan dos dias atuais se deve ao fato dele(a) ser indomável. Ele(a) é sutil, dúbio(a), envolve-se e se preocupa, ao menos, aparentemente em não magoar suas parcerias. Concomitantemente, as pessoas que se relacionam com ele(a) também não encarnam mais o papel da vítima. Até mesmo porque, de acordo com Torres (2000), a necessidade de intensificação das relações pessoais aumenta as expectativas em relação ao desejo de se ser compreendido pelo outro e assim se torna difícil, senão impossível, que o seu retrato idealizado se sustente no cotidiano. Dessa maneira, ao menos de acordo com as mulheres que estabeleceram um relacionamento a ponto de se apaixonarem por pessoas com essas características, eles as satisfazem afetivo-sexualmente dos primeiros encontros românticos até os derradeiros, consumados ou não, pelo ato sexual. A esta dinâmica está subjacente a idéia que nos colocam autores como Torres (1996) a respeito da “qualidade intrínseca da relação” (p. 7). Também Almeida, Rodrigues e Silva (2008) que nos colocam que no início de uma relação amorosa as pessoas depositam no outro um conjunto de desejos e expectativas que quase sempre lhes cegam parcialmente para a realidade. Este é um dos principais motivos que suspendem o nosso raciocínio crítico para reconhecermos a periculosidade de um(a) Don Juan. Em outras palavras, a figura do Don Juan contemporâneo pouco se associa com a imagem do mulherengo típico, do qual costumam tanto caçoar. O sedutor contemporâneo é elegante e pode ter uma atuação admirável em várias esferas da vida, mas é ambivalente na relação amorosa, por não saber o que quer para sua vida e assim deixar a pessoa sempre convivendo com a incerteza do futuro do relacionamento. Dessa forma, a pessoa que vive ao lado de um sedutor compulsivo sofre muito. Contudo, com o passar do tempo, aceita a situação pela mesma razão que aceita um parceiro viciado em drogas, ao acreditar que vai “recuperá-lo” de sua libertinagem por meio do relacionamento que desenvolvem e do valor que essa pessoa há de reconhecer nele(a). As parcerias dos Don Juans entendem na “conversão” de uma pessoa ‘cafajeste’ em pessoa fiel como prova de amor, e, muitas, inclusive tentam converter este ser indomável.

O ser humano tem uma necessidade vital de se apegar, de uma forma forte e especial a alguém (do sexo oposto, ou do mesmo sexo, no caso dos homossexuais). Isto advém ao que tudo leva a crer da sensação de se sentir incompleto e frágil diante do mundo. Somos seres gregários por natureza. E muitas são as técnicas utilizadas para se conquistar alguém. Algumas são mais corajosas, outras tímidas, porém, em cada uma delas estão incluídas

características naturais da psiquê humana. Todas formam um jogo de emoções, gestos, conversas e toques, com um único objetivo: atrair, agradar e satisfazer, tanto a si próprio como ao outro.

A tendência para os relacionamentos ocasionais é diferente daquilo que se entende por donjuanismo porque não implica numa verdadeira conquista. O *One Night Stand* (ficar por apenas uma noite) é um encontro de afinidade recíproca, e um não conquista o outro porque ambos estão, decididamente, com o mesmo objetivo em mente. O *One night Stand* então pode ser concebido como o modo de funcionamento por excelência dos “Don Juans”, enquanto suas parcerias se vulnerabilizam e se entregam ao vazio relacional que este lhes oferece porque ainda estão impregnadas de ideais de amor romântico, como a espera inconfessável e ilusória pela chegada do príncipe encantado. Nessa nova modalidade de relacionamento não há envolvimento amoroso, não há cobrança de compromisso e os objetivos se concretizam e se esgotam no orgasmo ou na despedida, normalmente, com satisfação bilateral. Logo, o comportamento de “ficar com...” é diferente daquilo que se entende por donjuanismo porque não implica numa verdadeira conquista. “Ficar com...” envolve uma afinidade recíproca, e um não conquista porque ambos estão, decididamente, com o mesmo objetivo em mente. Conseqüentemente e decididamente, entre a população adepta do “ficar com...” não há espaço para o Don Juan. Neste meio ele não encontra sua presa, já que as parcerias à disposição não preenchem os requisitos enquanto possíveis candidatos(as). Aqui as mulheres, como se diz: estão “a fim”, “estão lá para isso”, não costumam ser comprometidas, não são conquistadas, uma vez que o conluio é também o objetivo delas, portanto, a compulsão do Don Juan se desfaz ante a ausência do desafio.

Podemos relacionar o *modus operandi* do “One night Stand” com o que Giddens (1993) concebe enquanto amor. Um amor de natureza confluyente, segundo o que nos coloca este autor, implica convergência para um envolvimento afetivo e emocional igualmente distribuído entre homens e mulheres. Em outras palavras, o “amor confluyente” diz respeito então à tendência para um comprometimento afetivo e emocional igualitário entre os sexos, o que definitivamente não ocorre antes, durante ou mesmo depois do exercício do donjuanismo. Contudo, o Don Juan saberá seduzir a sua vítima - recorrendo a etimologia original dessa palavra que se referiria a desencaminhar, enganar – ao fazer suas vítimas acreditarem nessa isonomia de possibilidades e, assim, com esta estratégia, as farão se sentirem especiais no exercício do seu processo sedutor.

As mudanças que vêm acontecendo na vida privada, sobretudo na família e nas relações sociais de gênero, com a emergência de novos modelos

de sexualidade, de parentalidade e para a concepção de amor, contribuem decisivamente para a reconfiguração dos papéis das mulheres e dos homens na sociedade e, mais especificamente, no contexto doméstico. Logo, o amor confluyente, que potencializa a ação do Don Juan, é uma forma de amor que estaria mais próxima ao contexto contemporâneo, porque é mais real que o seu antecessor, o amor romântico, dado o fato de que não se pauta pelas identificações projetivas e fantasias de completude. Nele a comunicação entre um e outro é aberta e direta, o amor é ativo e contingente e não se propõe ao “para sempre”, tão evidenciado do amor romântico. A adoção, ou ainda, a expectativa de se vivenciar o modelo do amor confluyente no próprio relacionamento pode contribuir para as pessoas se tornarem vítimas de parceiros(as) “Don Juans”, pois é um terreno extremamente fértil para as práticas desses.

Se no donjuanismo a insensibilidade e menosprezo para com o sentimento alheio são a marca do diagnóstico que os identifica, o relacionamento múltiplo implica, em essência e caracteristicamente, a ausência de sentimentos mais profundos de ambas as partes. Assim sendo, não havendo sentimentos profundos, não há o que menosprezar. Evidentemente a existência da atitude de Don Juan só existe em decorrência da existência da vítima, ou seja, o Don Juan somente tem sucesso passando-se por “príncipe encantado” e de “princesas imaginárias”, enquanto houver “mocinhas” e demais corações sonhadores em busca de príncipes e de princesas encantados.

Certa vez, um romancista francês de nome Henri Beyle, mais conhecido por Stendhal, vitimizado por uma “Don Juan” de sua época de nome Methilde no seu livro *Do amor*, desenvolveu um conceito interessante que nos ajudará a entender uma dinâmica específica que acontece nos relacionamentos, e de maneira especial quando iniciamos uma paixão. Ele chamou esse processo de “cristalização” e explica com suas próprias palavras:

Nas minas de sal de Salzburg, joga-se nas profundezas abandonadas da mina um ramo de árvore desfolhado pelo inverno; dois ou três meses depois, ele é retirado coberto de cristalizações brilhantes: os menores raminhos, aqueles que não são maiores do que a pata de um chapim, são guarnecidos de uma infinidade de diamantes móveis e cintilantes; já não podemos reconhecer o ramo primitivo. Chamo de cristalização a operação do espírito que extrai de tudo o que se apresenta a descoberta de que o objeto amado tem novas perfeições (Stendhal, 1993, p. 6).

Assim, segundo Stendhal (1993), uma pessoa apaixonada identificava todas as perfeições naquilo que ama; no entanto, a atenção desta, ainda pode ser distraída, pois a alma se sacia de tudo o que é uniforme, até mesmo da felicidade perfeita. Neste trecho o autor nos mostra como, em Salzburg, na Áustria, quando alguém lançava na mina de sal abandonada pelo inverno um pequeno galho seco, ao passar de algum tempo, poderia vir buscar um lindo ‘brilhante’ no lugar daquele dado o efeito do contínuo depósito dos cristais de cloreto de sódio sobre aquela pequenina madeira sem vida. Segundo ele essa é a primeira cristalização que ocorre nos relacionamentos amorosos que se dá por ocasião de quando conhecemos as pessoas e de nos apaixonarmos por essas. Nossa imaginação produz “cristais” lindos. Quando uma relação se inicia, toda a energia despertada por ela, inevitavelmente, leva os parceiros às alturas. Por isso, é um grande elogio às duas pessoas envolvidas, que se tornam mais belas e atraentes quando estão apaixonadas. Assim, a tendência do apaixonado de idealizar o ser amado, imaginando-o mais belo e nobre do que qualquer outro ser humano que é a base do processo stendheliano da cristalização.

Assim, podemos estar apaixonados de uma pessoa que não existe realmente, a não ser em nossa cabeça. Quando a relação acaba, quebram-se os cristais e começamos a nos deparar com aquela rama seca que na verdade sempre existiu. Somos seduzidos por nós mesmos quando fazemos nossas fantasias. Principalmente em casos de relacionamentos. Idealizamos nós mesmos nas pessoas, iludindo-nos. Nossas expectativas acerca do comportamento alheio e da natureza da outra pessoa distorcem a realidade de tal forma que assim passamos a enxergar a pessoa bem melhor do que ela realmente é. Bom, se normalmente as pessoas, sobretudo, nos primeiros encontros enfatizam suas qualidades e escondem suas falhas, com a combinação do fator distorção pró-pessoa, na qual diretamente contribuímos, temos aqui a fórmula do príncipe encantado ou da princesa encantada. Afinal, com uma infalível combinação desses dois elementos quem resistiria ao seu arrebatante produto? Quem quer seduzir vai mostrar o que existe de “bom” naquilo proposto que acompanhado de “omissão” dos elementos negativos que podem inclusive negar o que se fala/apresenta, faz com que o seduzido torne-se presa de um sentimento manipulado. E é exatamente isso que acontece com a pessoa pela qual nos apaixonamos no interior de nossas mentes. Depois de descoberto, pode ser tarde. O desencanto provocado por uma imagem construída que não corresponde à realidade pode ser desastroso. Contudo, devemos nos lembrar que no fundo quem são essas pessoas as quais depositamos nossas melhores expectativas? São meramente ‘galhos secos’ com muito pouca diferença umas das outras a exem-

plo dos galhos que Stendhal passou muito tempo observando.

O segundo e mais importante modelo de cristalização proposto pelo romancista é mais traiçoeira e ocorre bem mais posteriormente. Instala-se naquele momento quando uma ligeira dúvida vai se infiltrando e produz um desassossego cada vez mais na pessoa. Após a primeira cristalização, a dúvida e a apreensão insinuam-se cumulativamente, levando-se em consideração que o homem não tem certeza se é capaz de atrair a mulher e fazê-la amá-lo de verdade, ao passo que a mulher duvida da sinceridade, se é digno de sua confiança, talvez interessado apenas em sexo e que irá deixá-la rapidamente. Diante de tantos encontros e desencontros, passa-se, então, para a próxima etapa: exigem-se provas renovadas do amor.

Em suma, para Stendhal (1993), a fantasia e a admiração são a essência do amor. Apaixonamos, na verdade, por deuses e deuses de nossa criação aos quais admirados, nunca vistos com clareza. Sequer conhecemos as forças que nos impelem para eles, mas sempre estamos predispostos a amá-los.

O estilo de amor lúdico

Por estilo de amor, entendam-se aqueles estilos apontados pela Teoria dos Estilos de Amor de John Alan Lee (Lee, 1988). Este autor lança mão de uma analogia para facilitar a compreensão do que ocorre numa dinâmica afetiva. Faz uma comparação dos mecanismos da nossa visão para cores, com os mecanismos para nossa capacidade de amar. Assim, como existem para os nossos olhos somente receptores para as cores: azul, amarelo e o vermelho e mesmo assim somos capacitados a reconhecer uma infinidade de combinações possíveis entre diferentes tipos de cores; de forma análoga à percepção de cores, Lee, que recorre aos termos gregos e aos romanos, e diz haver três estilos primários de amor: *Eros*, *Ludus* e *Estorge*. Cada um desses estilos teria sua própria peculiaridade.

Para entendermos a dinâmica desses parceiros que se engajam esporadicamente em comportamentos relacionadas a dinâmica donjuanesca (somente sob a ótica dos parceiros dos mesmos) caracterizaremos somente o estilo lúdico. *Ludus* é a palavra latina correspondente para “jogar” ou “jogo”. Podemos caracterizar o amante lúdico como aquele(a) que não tem um tipo ideal de amado na mente e recusa devotar toda uma vida para o desenvolvimento de uma parceria amorosa. Ele é um errante, e ela uma coletora de experiências em busca do prazer. No entanto, não será totalmente correto dizer, como dizem alguns, que o Don Juan se diverte com o sofrimento alheio. Na realidade parece mais que sejam insensíveis ao sentimento alheio do que

tenham prazer com ele. De fato, parece que eles não experimentam com o amor o mesmo tipo de sentimento que as demais pessoas. O amor neles é um sentimento fugaz, passageiro e que, continuamente, tem o objeto alvo renovado. Se algum *déficit* pode ser apurado na personalidade do Don Juan, este se dá no controle da vontade.

Assim, eles vivem certos de que ele(a) ou qualquer outra pessoa pode amar várias pessoas igualmente e, perfeitamente, ao mesmo tempo. Camus (197?) poeticamente compartilha uma possível idéia acerca da comorbidade entre Don Juans e suas vítimas:

Mas é até porque ele as ama com idêntico entusiasmo e sempre com inteireza, que lhe é necessário repetir esse dom e esse aprofundamento. Daí todas esperarem ofertar-lhe aquilo que nunca ninguém lhe deu. De todas as vezes se enganam profundamente e só conseguem fazer-lhe sentir a necessidade de tal repetição (p. 71).

Subjetivismos poéticos à parte, aos nossos olhos o comportamento donjuanesco nos soa como promiscuidade, ou ainda, como uma escancarada desvalorização do relacionamento amoroso. Contudo, para eles não. Um(a) amante tipicamente lúdico(a) poderia dizer para o(a) parceiro(a): “Por que você me pergunta onde eu estava na noite de sexta-feira; hoje é sábado e estou amando você agora. Isto não é suficiente?”. Dessa forma, o estilo lúdico pode ser encarado como um jogo aberto, pois, para pessoas que comunguem destes referenciais um jogo honesto é menos provável de produzir sentimentos de culpa posteriormente.

Amantes lúdicos com estratégias donjuanescas ainda evitam ver seus parceiros freqüentemente, como se isto prevenisse os parceiros de se envolverem demais. Evitam parceiros ciumentos, levando-se em consideração que para esses o ciúme estraga a diversão do amor. Ao contrário do que outras pessoas que não compartilhem de tais referenciais, eles não são contraditórios em amar muitos parceiros igualmente ou ao mesmo tempo. Sexo para eles é por diversão, não para expressar compromisso, e o amor não é a atividade mais importante na vida. Daí, provavelmente, os Don Juans verdadeiramente amantes lúdicos se servirão de dizeres, em relacionamentos de longo prazo, como por exemplo: “Amo a minha mulher, o que eu faço fora de casa não lesa meu relacionamento”, dentre outras variantes. Estas pessoas acreditam estarem sendo leais, embora a fidelidade não seja um valor priorizado em seu relacionamento. Dessa forma, práticas de sexo casual, relacionamentos românticos ocasionais, ou mesmo ser permissivos a alguns comportamentos de infidelidade passam a ser relativizados. Muito

embora, o amor lúdico de Lee seja um estilo de amor tão legítimo quanto os demais, este estilo não granjeia tanta simpatia por parte das pessoas que se apaixonam por amantes estórgicos. Muitos dos pacientes que se encaminham ao meu consultório, por exemplo, relatam experiências desastrosas com este estilo, quer por não saber reconhecê-lo, quer por não saber como interagir com o mesmo. Talvez então o mais correto fosse dizer que ser fiel e ser leal sejam atributos complementares que estariam associados com as regras com que cada casal assume para si e com a coerência do cumprimento das mesmas para ambas as partes.

Apesar dessa compulsão à sedução, isso não significa que a pessoa portadora de donjuanismo seja, obrigatoriamente, mais viril, ou ainda, mais sexualmente ativo. A contínua sedução donjuanescas nem sempre se dá à custa de um eventual desempenho sexual excepcional, mas sim, devido à habilidade em oferecer sempre as suas parcerias tudo aquilo que estes(as) sedutores(as) crônicos mais estão querendo. Nesse sentido, todos eles(as) são sempre muito inconstantes, desempenham papéis sociais sempre teatrais e exclusivamente dirigidos à satisfação de suas conquistas, por isso fazem constantemente o modelo para o “príncipe encantado”, tão cultuado pelo público feminino, ou da “garota dos meus sonhos” almejada para o público masculino. Eles(as) têm uma habilidade específica para perceber rapidamente os gostos e franquezas de suas vítimas e, são igualmente rápidos em atender as mais diversas expectativas.

Conclusões

As atitudes donjuanescas somente existem em decorrência da existência das atitudes de anuência de suas vítimas às práticas destes, isto é, o(a) Don Juan somente granjeia sucesso passando-se por príncipe (ou princesa), encantado(a) enquanto houver pessoas em busca desses consortes encantados. Evidentemente o mito de Don Juan pode representar um ideal masculino e, em alguns segmentos culturais, também um ideal feminino. A conquista como reforço da auto-estima pode, durante alguns momentos da vida ou em certas circunstâncias afetivas, ser eficiente. Entretanto, sendo a personalidade mais bem estruturada, a atitude conquistadora acaba cedendo mais cedo ou mais tarde. O Don Juan nunca é uma pessoa absolutamente normal, trabalhadora e submetida às angústias do cotidiano como qualquer um, nunca é uma pessoa que sofre as limitações costumeiras da falta de dinheiro, do tédio da monotonia da vida e coisas assim. Normalmente o papel do Don Juan é excêntrico e exótico, ele é de fato o que sonham as mocinhas incautas.

A pseudoimpressão que se tem a respeito da figura do(a) Don Juan contemporâneo é que, assim como é bem sucedido(a) nas conquistas amorosas, também deve sê-lo(a) em relação aos demais aspectos de sua vida. Entretanto, apesar dessas pessoas dominarem muito bem a arte da conquista do sexo oposto, elas não costumam ter a mesma habilidade em outras áreas da atividade humana; ocupacional, empresarial, estudantil ou mesmo familiar. Há que se evidenciar também que a trajetória de sua vida nem sempre resulta num final satisfatório. Normalmente as pessoas com esse perfil de personalidade acabam por não se fixarem com nenhuma companhia mais seriamente, não constituem família e acabam se aborrecendo quando constatam que não têm mais facilidade para conquistar pessoas de idade muito inferior a sua. Além disso, muitas vezes acabam ridicularizados por essas tentativas totalmente fora do contexto. Além disso, eles podem atravessar períodos de grande angústia na maturidade quando se dão conta de que todos seus amigos estão casados, têm família e eles já não podem desfrutar de tantas companhias femininas como outrora. Neste sentido, resta uma pergunta a ser feita: será o(a) Don Juan crônico uma pessoa feliz? Retomando a Camus que abre com sua lírica este texto, provavelmente inferir-se que este conjunto de comportamentos apenas lhes reforcem suas práticas sedutoras: afinal não consideram como desamor a maneira profunda e ‘comprometida’ com que se entregam para tantas pessoas e muitas vezes ao mesmo tempo. Afirma o autor: “Há aqueles que são feitos para viver e aqueles que são feitos para amar. /.../ Don Juan optou por ser nada.” (Camus, 197?, p. 74). Para eles inexistente o amor perdurável que motive ao encontro do outro, que enaltece; o amor que conhecem desde crianças é o que podem entregar aos amados, um amor fugaz, que se desfaz rapidamente (Sappeti, 1996). Entretanto, internamente, não estão predispostos a amar. Não estão disponíveis psicologicamente para se envolverem e, erroneamente, pensam que estão querendo compartilhar o amor (Almeida, 2004).

Referencias

- Almeida, T. (2004). A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. *Revista de Psicologia (Fortaleza)*, 22, 15-22.
- Almeida, T. (2007). Infidelidade heterossexual e relacionamentos amorosos contemporâneos. *Pensando Famílias*, 11(2), 49-56.
- Almeida, T., Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia. (Natal)*, 13, 83-90.

- Almeida, T. & Madeira, D. (2008). *Técnicas de paquera*. São Paulo: Letras do Brasil.
- Aragão, P. (2004). *O donjuanismo na poesia de Florbela Espanca: "Amar, amar e não amar ninguém!"*. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.
- Barbosa, D. C. S. (2001). *A transfiguração do cárcere no poema "a balada de reading" de Oscar Wilde*. Universidade da Amazônia – UNAMA. Monografia de conclusão de curso.
- Camus, A. (197?). *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Freud, S. (1948). Sobre una degradación general de la vida erótica. In S. Freud, *Ensayos sobre la vida sexual y la teoría de las neurosis*. Obras completas, Madrid: Biblioteca Nueva.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp.
- Lee, J. A. (1988). Love-Stiles. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes, (Eds.). *The psychology of love*. (pp. 39 – 67). New Haven: Yale University Press.
- Molière. (2002). *Don Juan - O Convidado de Pedra*. Porto Alegre: L&PM.
- Sapetti, A. & Rosenszvaig, R. (1987) *Sexualidad en la pareja*. Buenos Aires: Galerna.
- Sapetti, A. (1996). *Los varones que saben amar*. Buenos Aires: Galerna.
- Sapetti, A. (2008). Ensayo sobre el Don Juan. *Revista Argentina de Psiquiatría Forense, Sexología y Praxis*, 2(2) Acesso em 3 de junho de 2008 no site: <http://www.aap.org.ar/publicaciones/forense/forense-6/tema-6.htm>
- Staudt, S. K. (2007). O Don Juan em Florbela Espanca. *Nau Literária (Porto Alegre)*, 5, 219-225.
- Stendhal. (1993). *Do amor*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Torres, A. C. (1996). *Divórcio em Portugal: ditos e interditos*. Oeiras: Celta.
- Torres, A. C. (2000). *Amor e sociologia: da estranheza ao reencontro*. Comunicação apresentada no IV Congresso de Sociologia, Coimbra, Portugal, 17-19.
- Torres, A. C. (2001). *Sociologia do casamento. A família e a questão feminina*. Oeiras: Celta.

Endereço para correspondência

thalmeida@usp.br

Recebido em: 13/06/2008

Primeira revisão em: 20/10/2008

Aceito em: 20/11/2008